

O mercado de trabalho em Espanha: depende dos olhos de quem o vê?

As principais fontes de informação que temos ao nosso dispor para acompanhar a evolução do mercado de trabalho parecem enviar-nos sinais contraditórios. De acordo com o Inquérito à População Ativa (EPA), no 2T o ritmo de criação de emprego acelerou para 2,8% em termos homólogos (2,4% no 1T). De facto, de acordo com o EPA, este trimestre foi histórico em termos de criação de empregos: nunca na série histórica foram criados tantos empregos durante um segundo trimestre (470.000). Por outro lado, se analisarmos a evolução dos inscritos na Segurança Social (S.S.), observamos que o seu ritmo de crescimento desacelerou ligeiramente, passando de 3,4% no 1T para 3,1% no 2T. Qual é a razão para estas diferenças? Existe uma fonte mais fiável do que a outra?

O leitor certamente já intui a resposta que um economista lhe vai dar: depende. Depende da pergunta à qual estiver a tentar responder. O EPA e os inscritos na S.S. são as duas principais fontes de informação sobre o mercado de trabalho em Espanha e, em grande parte, oferecem-nos informações complementares. O EPA é um inquérito trimestral que fornece informações detalhadas sobre a situação do emprego e as características das pessoas em idade de trabalhar. Um aspeto importante do EPA é que considera que uma pessoa está empregada se trabalhou durante a semana em que o inquérito foi realizada, independentemente de trabalharem na economia formal ou informal. Por outro lado, os inscritos na S.S. é um registo administrativo que contabiliza diariamente todos os trabalhadores com emprego.¹

Assim, se a questão for, por exemplo, saber qual é percentagem de população ativa que tem um emprego (taxa de atividade), o EPA oferece um número específico e que é comparável entre países. Por outro lado, se a questão é saber quantos trabalhadores deram baixa e quantos foram inscritos num dia concreto, os dados da S.S. apresentam uma resposta precisa,² pois contêm a situação de todos os trabalhadores empregados ao longo do tempo. No entanto, não são oferecidas informações sobre a restante mão-de-obra (pessoas que não estão inscritas) e, ao contrário dos dados do EPA, não oferecem informações detalhadas sobre as características dos indivíduos (idade, sexo, nível educacional...). Da mesma forma, o registo de

1. Os dados de inscritos na S.S. não incluem empregados de algumas sociedades mútuas (MUFACE, etc.), empregados domésticos que trabalham menos de 20 horas por semana nem as ajudas esporádicas em negócios familiares. Por sua vez, o EPA não considera como pessoas empregadas os contribuintes que estão a descontar para a S.S. que não trabalham, como às vezes acontece no setor agrícola ou aqueles trabalhadores temporariamente suspensos devido a um *downsizing*.

2. A 31 de agosto de 2018, foram inscritos 58.375 trabalhadores na S.S., enquanto 363.017 deram baixa, com o qual a variação líquida nesse dia – uma sexta-feira e fim do mês – foi muito negativa (-304,642).

Comparação do emprego entre o EPA e os inscritos na Segurança Social

Variação homóloga (%)

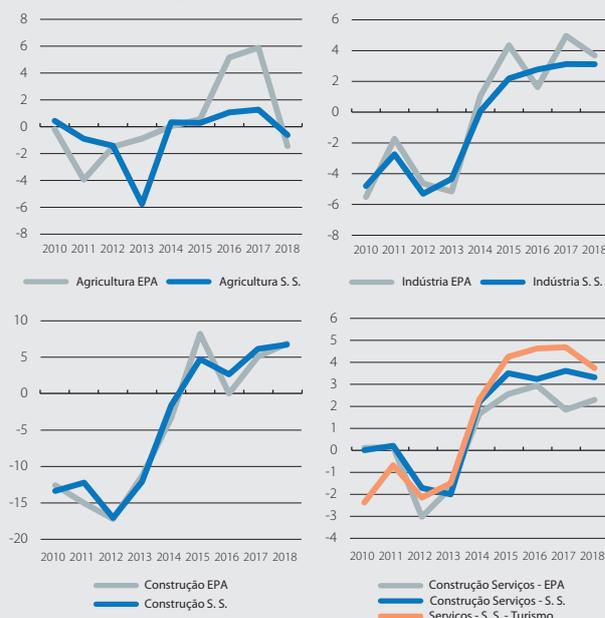


Nota: Média anual.* Inclui dados até ao 2T 2018.

Fonte: BPI Research, a partir dos dados do INE espanhol e da Segurança Social.

Comparação do emprego entre o EPA e os inscritos na Segurança Social por setores

Variação homóloga (%)



Fonte: BPI Research, a partir dos dados do INE espanhol e da Segurança Social.

inscritos está sujeito a mudanças legislativas ao longo do tempo, dificultando a construção de séries cronológicas homogêneas e comparáveis entre países.

Voltemos aos dados recentes sobre a evolução do mercado de trabalho. De uma forma geral, os inscritos na S.S. refletem um número menor de trabalhadores do que o EPA, mas uma criação de emprego mais intensa. Especificamente, no 2T de 2018 existiam 18,9 milhões de inscritos na S.S., enquanto no EPA o número de empregados era ligeiramente mais alto: 19,3 milhões. No entanto, nos últimos cinco anos de recupe-

ração, o número de empregados cresceu 3,3% homólogo em média, de acordo com os dados de inscritos na S.S., enquanto de acordo com o EPA, este número foi de +2,8%.

Quando analisamos a situação por setores, as diferenças são ainda mais acentuadas. No setor da agricultura existem mais empregados segundo os dados de inscritos na S.S. do que segundo o EPA (1,2 milhões de empregados face a 0,8 milhões). Em parte, isto deve-se ao facto de muitas pessoas permanecerem inscritas no regime agrário durante os períodos em que não estão a trabalhar. Nos restantes setores, observamos um número maior de empregados no EPA do que inscritos na S.S., apesar de o ritmo de criação de empregos ter sido maior de acordo segundo os dados dos inscritos do que conforme indica o EPA. Isto poderia estar associado a um aumento do emprego formal.³ Por exemplo, nos últimos dois anos o número de inscritos aumentou 3,4% em termos homólogos no setor dos serviços, mais 1 p. p. do que no EPA.

Outro fator que pode explicar as diferenças entre as duas séries é que ambas as fontes de informação abrangem diferentes populações. Neste sentido, o INE desenvolve uma série homogeneizada de inscritos na S.S. para a tornar mais comparável com a do EPA. Apesar disso, persistem as diferenças no emprego observado (consultar o terceiro gráfico). Destaque, por exemplo, para as diferenças no número de empregados por nacionalidade. Embora o número de empregados espanhóis seja muito semelhante entre as séries homogeneizadas, isto não acontece no caso dos estrangeiros: o EPA abrange mais 8% de estrangeiros empregados oriundos da UE e mais 32% do resto do mundo do que o número de inscritos da S.S. Por outro lado, o EPA estima que o número de jovens empregados (16-29) é menor do que o observado nos dados de inscritos na S.S. O mesmo acontece com o número de trabalhadores com contrato a tempo parcial ou temporário.

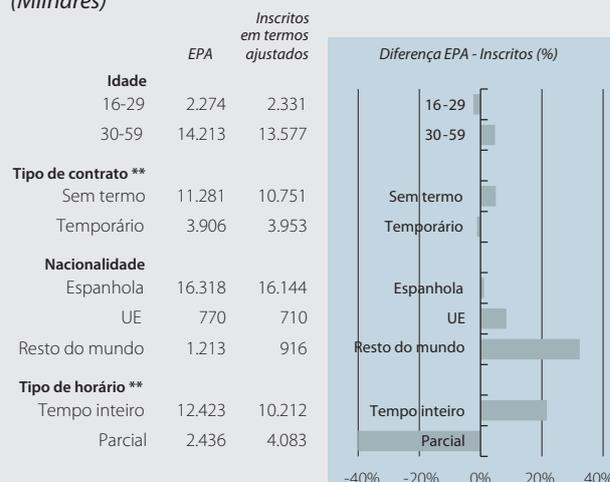
No que diz respeito à taxa de trabalho temporário, o EPA permite-nos observar que é em Espanha que se regista a taxa mais elevada da UE (26,2% no 1T, 12,3 p. p. superior à média da UE). No entanto, o EPA pode estar a subestimar o número de trabalhos temporários existente, dado que não inclui aqueles empregos com uma duração muito curta que ocorram fora da semana de referência em que o inquérito é efetuado. Por sua vez, os dados do número de inscritos consideram este elemento e mostram um maior índice de trabalhos temporários, com cerca de 35% dos empregados com pelo menos um emprego temporário em 2016, segundo Felgueroso, García-Pérez e Jansen (2018).⁴ Da mesma forma, com outro indicador, como é o

3. Tradicionalmente, a economia paralela tem um peso maior nestes setores da economia, tal como mostra Schneider, F. (2013), «The Shadow Economy in Europe, 2013», A.T. Kearney e Visa.

4. Felgueroso, F., García-Pérez, J. I. e Jansen, M. (2018), *A contratação temporária em Espanha: novas tendências, novos desafios* em «Los problemas del mercado de trabajo y las reformas pendientes», Papéis da Economia espanhola n.º 156.

Comparação do emprego entre o EPA e os inscritos em termos ajustados* (2T 2016)

(Milhares)



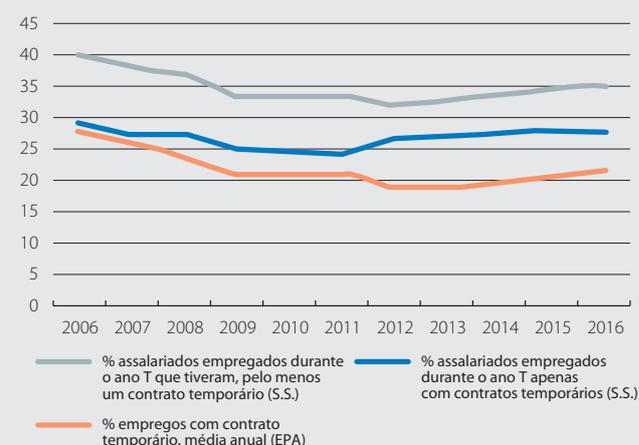
Notas: * Inscritos em termos ajustados nos coletivos cobertos para homogeneizar a série com o EPA.

** Inclui apenas trabalhadores por conta de outrem.

Fonte: BPI Research, a partir dos dados do INE espanhol (2018).

Trabalho temporário no EPA e inscritos na Segurança Social

(%)



Fonte: BPI Research, a partir dos dados de Felgueroso, F., García-Pérez, J. I. e Jansen, M. (2018).

caso da proporção de empregados apenas com contratos temporários durante o ano, o número de inscritos revela como agora são necessários mais contratos temporários para obter um emprego permanente.

Em suma, tanto o EPA como o número de inscritos na S.S. mostram uma forte criação de emprego ao longo da recuperação, como também ambos coincidem em indicar que persiste um elevado número de trabalhos temporários. No entanto, vimos também que, devido às suas diferenças metodológicas, para analisar de forma fiável a situação do mercado de trabalho espanhol, temos de os utilizar de forma complementar.